

---

## O MOVIMENTO DO CONTESTADO COMO PALCO PARA A AVIAÇÃO MILITAR

Anderson Matos Teixeira\*  
Alini Luza Moraes\*\*

**Resumo:** Estamos prestes a comemorar os 100 anos do Movimento do Contestado. Pouco divulgado, em comparação com seu companheiro de contestações – a Guerra de Canudos –, o Contestado não tem muitos olhares voltados para si, mesmo causando lembranças de boa parte da região sul do país até hoje. Neste cenário houve a primeira atuação em combate da aviação militar brasileira, nos primórdios da aviação ainda, no início dos conflitos na Europa da Primeira Guerra Mundial. Este ensaio vem dar um panorama de como se desenvolveu o conflito, quais as circunstâncias e como a aviação militar brasileira teve sua primeira atuação no campo de batalha.

**Palavras-Chave:** História Militar; Aviação Militar; Contestado

**Abstract:** We are about to celebrate 100 years of the Movement of the Contested. Just published, in comparison with its companion challenges - the Canudos War - the Contested has many eyes focused on you, even causing memories of much of the region south of the country today. This scenario was the first action in combat aviation Brazilian military aviation in the early days yet, at the beginning of the conflict in Europe of the First World War. This essay is to give an overview of how the conflict developed, what circumstances and how the Brazilian air force had its first performance on the battlefield.

**Keywords:** Military History, Military Aviation, Contested

A Guerra ou Movimento do Contestado é um tema muito pouco explorado no meio acadêmico. As poucas bibliografia que existem são ainda muito antigas e com uma abordagem muito abrangente em relação a temática, não se aprofundando, recorrendo geralmente a narração de alguns fatos. Esta escassez de referencias é ainda maior no que diz respeito ao emprego de aeronaves com fins militares na atuação do Exército no Contestado. Esta atuação foi a primeira ação da Aviação Militar brasileira.

A aviação militar brasileira, no período em que compreende o Movimento do Contestado (1912) estava a se estruturar ainda. Buscava-se a implantação de uma escola de pilotos para o Brasil e uma relativa autonomia em relação ao domínio externo deste conhecimento.

Tendo como figura principal o Capitão do Exército Ricardo Kirk, operando aeronaves arrendadas do AeroClub do Brasil, pode-se considerar o episódio do movimento como a primeira ação efetiva da aviação militar em solo brasileiro, repercutindo na evolução do emprego de aeronaves como arma nos tempos seguintes.

---

\* Diplomado pela Escola Superior de Guerra. Mestrando em História pela Universidade de Passo Fundo (Bolsista Capes). Pertence ao grupo de pesquisa de Relações de Fronteiras da Unipampa. Contato: amatosteixeira@gmail.com

\*\* Graduada em História pela UPF (Bolsista ProUni). Pesquisadora sobre religiosidades e movimentos sociais. Contato: alini\_luza@hotmail.com. Recebido em: 11/05/2012. Aceito em: 21/05/2012.

A produção historiográfica disponível evidencia que o episódio aéreo do Contestado é ainda pouco conhecido e interpretado, persistindo diversas lacunas no conhecimento histórico. A maior delas reside na compreensão das razões que precipitaram o EB [Exército Brasileiro] a esse emprego. Oportunamente, considera-se ainda que a constituição efetiva da aviação do Exército só aconteceu em 1919, por meio dos auspícios da Missão Militar Francesa. Somam-se ainda sediciosas questões sobre como transcorreram essas operações e seus resultados militares, tendo em vista que o espírito épico e mitificador dos autores procurou mesmo que instintivamente, exaltar apenas o pioneirismo da iniciativa e o heroísmo de seus personagens, dispensando assim maiores análises (CALAZA, 2009, p.434).

Este trabalho busca mostrar, como foi a participação da aviação militar durante o movimento, a partir da leitura de fontes de órgãos oficiais e relatórios do governo da época. Ao concluir a apresentação deste período, será demonstrado o legado deste acontecimento e o papel que a aviação militar veio a desempenhar na formação de uma identidade da aviação militar na região e a nível nacional.

### **A região do conflito**

A região oeste do Estado de Santa Catarina e Paraná já foi palco de varias disputas. Desde os tempos da colônia e do império, a região passou por vários domínios, lusos, espanhóis, argentinos e brasileiros. No fim do século XIX, a região conhecida por Território das Missões foi protagonista do litígio entre Brasil e Argentina, solucionada por Barão de Rio Branco em 1894, sendo o marco da diplomacia brasileira. Esta disputa ia além dos interesses territoriais, já que era parte de uma disputa da hegemonia regional entre os dois países.

Dentro desta disputa hegemônica pelo poder regional, haviam as alianças internacionais que atuavam junto aos países e também favoreceram no arbitramento quanto a posse da região. Enquanto a Argentina se apoiava no poder britânico, o Brasil buscou um alinhamento com os Estados Unidos. A que se levar em conta que as duas nações estrangeiras, disputavam a hegemonia global e a inserção delas na região de conflito, fazia-se necessário dentro de suas políticas.

Foi-se decidido que o presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland, iria ser o árbitro da questão territorial entre os dois países. Favorável a relação com o Brasil e também pelo trabalho apresentado por Barão de Rio Branco, fizeram com que o resultado fosse a favor do Brasil. Pouco tempo após a solução daquela disputa, a região centro-leste de Santa Catarina se vê envolvida em outro conflito, o Movimento do Contestado (1912-1916).

Depois de ter sido reincorporado ao território brasileiro a região passou a ser disputada entre os Estados do Paraná e Santa Catarina. Em 1853 foi criada a Província do Paraná, por



conflito do Contestado atingiu uma área equivalente a 0,3% do território nacional, ocupando uma área semelhante à do Estado de Alagoas (TOTA, 1983, p.8).

O conflito surge a partir de inúmeros fatores, sociais, agrários, econômico, político e religiosos. Trata-se de um conflito regional que mais tarde gerou reflexos de dimensão nacional para a época. Buscando explicar a eclosão do movimento muitos dos estudiosos do tema apontam inúmeras razões diferentes para essa tomada por dimensões maiores.

Questões como a pendência judicial entre os estados do Paraná e de Santa Catarina, sobre limites territoriais, e que serviu até para conferir o nome do movimento. Também é apontado, como um forte motivo, o acirramento, com o início do regime republicano, das disputas pela propriedade das terras. Há, além disso, o problema do mandonismo local e tudo o que está relacionado à estrutura de poder, que representa a base do regime republicano, como por exemplo, a forma assumida pela penetração das relações capitalistas no campo. E esses fatores interligados explicariam as proporções alcançadas por aqueles trágicos acontecimentos (GALLO, 2001, p. 143-144).

A região, pelo seu histórico de constantes mudanças de posse, fez com que uma massa de imigrantes se instalasse naquela área. Muitos haviam se deslocado para lá em busca de terras para a subsistência de suas famílias, assim, eram posseiros. Com a exploração da erva-mate, logo a localidade ira obter êxito econômico e juntamente com isso o papel do coronelismo. O clima temperado era favorável para produção de uma variedade de alimentos e criação de gado, além da presença de araucárias, madeira de valor comercial em abundancia na região também era outro fator econômico.

Como ocorria em boa parte do país, as terras pertenciam a grandes fazendeiros, onde a posse da terra significava poder. Com o titulo de grandes extensões de terra, estes proprietários exerciam a hegemonia sobre a região em que atuavam, fazendo a ligação entre o local e a instancia federal. Muitos possuíam títulos da guarda nacional de coronel, daí o fenômeno do coronelismo, resultando num papel de juiz e executor da lei. Com o advento da Republica, este elemento político e detentor de um poder coercivo entram em crise.

As primeiras propriedades eram sesmarias paulistas, que mantinham o padrão dos latifúndios nacionais. Muitos dos proprietários destas extensas áreas eram coronéis de Lages e Curitibaanos (MACHADO, 2004, p.74). A mão de obra empregada nestas grandes fazendas era feita boa parte por imigrantes do Rio Grande do Sul. Tota (1983, p.15) afirma que boa parte dos agricultores que se fixaram na região do Contestado era descendente dos fugitivos da Guerra dos Farrapos (1835-1845). Estes posseiros passaram a produzir campos para a criação de pequenos rebanhos de gado, cultivo e extração de erva-mate.

Esta população de posseiros e agricultores, migrantes, eram marginalizados por não possuírem terras próprias, nem acesso a educação, configurando-se em massa de manobra

política dos coronéis, tanto pela disputa entre os coronéis pelo poder local, quanto pela instância superior e seus vínculos com o poder federal. Na disputa pelo poder da região durante o período do conflito, destacam-se Henriquinho de Almeida e seu opositor Francisco de Albuquerque.

Outro fator que contribuiu para a eclosão do conflito foi a presença na região da Brazil Railway Company. Parcival Farquhar, proprietário da empresa, vinha arquitetando manobras políticas no Brasil e assumindo o controle de inúmeras áreas de infra-estrutura sensível, como parte do domínio norte-americano em nossa economia. Estes arranjos políticos eram em meio a muitas denúncias de suborno e corrupção (TOTA, 1983, p.23). Dentre as denúncias de corrupção estava a concessão para a construção de uma ferrovia entre São Paulo e Rio Grande do Sul, que passava justamente pela região do Contestado.

Moniz Bandeira (2007, p.277) afirma que, depois da aquisição da concessão da construção da ferrovia de um grupo Frances, em 1908, o Sindicato Farquhar, que congregava as empresas de posse de Parcival, passou a atuar com ferrovias em inúmeras partes do Brasil. A concessão da ferrovia que ligava São Paulo ao sul do país, pelo contrato, garantia a concessão das terras numa faixa de 15 quilômetros no entorno da ferrovia a companhia alem da garantia de pagamento dos juros em caso de prejuízo (MACHADO, 2004, p.143). Logo, a Brazil Railway Company teria um poder imensurável sobre suas terras.

Para a construção da estrada de ferro foram recrutados inicialmente 4 mil trabalhadores, número que atingiu pouco depois 8 mil. A maioria desses trabalhadores vinha dos grandes centros urbanos do país de modo geral recrutados entre desempregados e desocupados. Qualquer tipo de reivindicação por parte dos trabalhadores, visando à melhoria de condições e salários, era prontamente reprimido pela polícia particular da 'Brazil Railway' (TOTA, 1983, p.25).

O uso desta violência passou a ser empregada de forma generalizada, a favor dos desmandos dos interesses da empresa norte-americana. Esta forma de coerção foi sendo empregada como um "jaguncismo" na medida em que a presença de outra companhia do Sindicato Farquhar operava na região. Em 1911, a Southern Brazil Lumber and Colonization passou a comprar terras na região para a extração de madeira. Logo esta empresa se tornaria a maior madeireira da América Latina (TOTA, 1983, p.26). Para escoar esta madeira para o mercado externo, a Brazil Railway Company ganhou a concessão para construir um tronco ferroviário oeste-leste da região para portos catarinenses.

A implantação da ferrovia e da madeireira do Sindicato Farquhar trouxe grande impacto para economia regional. Primeiramente, a presença das estradas de ferro e das locomotivas, fez com que as tropas de mulas, que faziam a ligação anteriormente, com

diversos pontos de apoio – vendas, estalagens e estrebarias – arruinassem na mesma velocidade que a locomotiva passava, fazendo com que deixasse de existir o transporte por mulas (MACHADO, 2004, p.143). Machado (2004, p.143) trás a título de ilustração a questão do frete de uma lata de querosene. Com o transporte ferroviário, o frete de 800 quilômetros custava 2 mil-réis e com o transporte por mulas em 40 quilômetros, 2 mil e quinhentos réis, na época. Logo, a necessidade por criação de mulas também diminuiria.

Com a chegada da Lumber and Colonization outra parte da economia foi afetada. A medida que a exploração da madeira foi avançando, a necessidade de desalojar os posseiros de suas terras, fez com que esta população já segregada, fossem praticamente expulsos e com o aval do governo federal. Esta retirada, pelo emprego do jaguncismo para aqueles que resistiam, fez com que a pequena agricultura e os pequenos rebanhos, para consumo local fossem suprimidos. As “vendas de interior”, ou melhor, “secos e molhados”, foram sendo arruinados, junto com as pequenas serrarias que operavam na região.

O conflito do Contestado também pode ser analisado pela sua religiosidade, esta muitas vezes obtém tanta importância para seus crentes que pode desenrolar conflitos, o que foi o caso do movimento. Num período de crise é normal que a religiosidade tome maior significância, dando sentido à luta e a vida. Um fator que ajudou a unir o grupo heterogêneo, a população do contestado em prol de seus interesses em comum (defesa do território) foi a religiosidade que se desenvolveu no interior do grupo. Essa religiosidade, inicialmente, foi representada a partir da figura de um andarilho que passava pela região, denominado Monge João Maria, embora não pertencente à nenhuma congregação religiosa, era leigo e dedicava sua vida à religião. Sobre a identidade do monge encontramos muitas divergências. Na realidade não se trata de um único monge-andarilho. Conforme Queiroz:

Destacou-se entre eles o Monge João Maria pela persistência de sua pregação, pelo sucesso que obteve, pela grande área que sua fama cobriu e na qual até hoje é reverenciado como um santo. Mais de um personagem se ocultou sob esta denominação, o que torna a história um pouco confusa; é provável que dois e mesmo três profetas diferentes tenham tomado o mesmo nome para aproveitar a celebridade que já o rodeava. [...] A lenda se desenvolveu em torno deles e transformou-os num só, ainda em vida do segundo (QUEIROZ, 1977, p.269).

Neste momento de crise, embora a necessidades materiais não estivessem completamente concretizadas, não lhes faltavam fé e esperança. É exatamente em tempos como este que as crenças costumam se acentuar. Crescia a expectativa da volta do monge, rezando e aconselhando, prestando seu auxílio sobrenatural. Esta expectativa de volta é o que denominamos de messianismo, espera da volta do messias, este é um dos aspectos dominantes

no reconhecimento do movimento do Contestado. Muitos estudiosos do tema defendem o messianismo e o sebastianismo como característicos pertencentes ao movimento. As crenças no monge defendiam que este nunca morreria, mas ficaria esperando num lugar chamado Morro do Taió.

Foi justamente neste contexto de pauperismo e religiosidade que surgiu na região um curandeiro que dizia (ou dele diziam) ser irmão de João Maria: José Maria. Não tardou para que, naquele ano de 1912, começassem a ocorrer “ajuntamentos” em torno de José Maria. Aqueles que nada tinham buscavam abrigo ao seu lado (ESPIG; MACHADO, 2008, p.94).

Porém, ao contrário do “irmão”, José Maria tinha formação militar, era um ex-soldado do Exército e Cabo desertor da Força Pública do Paraná (BRASIL, 1988, v1, p.420), conservava em torno de si os fiéis (*quadros-santos*), que o seguiam em forma de procissões. José Maria defendia o milenarismo e a volta da Monarquia, o que foi considerado perante o governo e autoridades locais como um sentimento de anti-republicanismo. Essa volta à monarquia se daria na salvação, na vinda do paraíso, notamos isso nos discursos de José Maria ao defender que o mundo duraria um milênio, jamais dois e por isso o fim estava próximo. E após esse fim teríamos o ‘Juízo Final’, com isso chegaria os tempos do paraíso, da monarquia. Para se chegar ao paraíso precisa-se passar pelo fim do presente, por isso da necessidade da luta, da extinção física do mundo atual. E este seria o motivo de declarar-se não-republicanos. O paraíso é vislumbrado como o reino de bem, da abundância e da felicidade, e o regime republicano é o oposto, é o reino das trevas, governado pelas bestas, um reino que imperam a maldade, a avareza e as injustiças (GALLO, 2001, p.145-146).

Entende-se que a religiosidade foi um fator que uniu a população em torno de seus objetivos e foi capaz de dar sentido à vida numa época de crise. Percebe-se então um movimento messiânico – milenarista que torna-se de âmbito nacional, deixando sua característica de guerra local por questões de lutas territoriais e passando por uma luta ideológica, combatendo a república em honra à monarquia. Nota-se que por questões inicialmente de religiosidade, passam à defesa de uma ideologia, causando conflitos muito maiores dos esperados. Notamos então, nesse caso, uma ligação entre os fatores religiosos, messiânicos e milenaristas em atrito às questões políticas do governo.

### **O desenrolar das ações**

Os anos de 1911 e 1912 traziam no ar um clima de instabilidade, devido aos diversos fatores que atuavam na região. Em 1912, a presença do monge Jose Maria passou a atrair um

contingente de sertanejos a sua volta. A maioria destes sertanejos haviam sido expulsos de suas terras com a chegada dos empreendimentos do Sindicato Farquhar. José Maria era visto como o “irmão” do seu anterior João Maria, que havia passado na região no final do século XIX. Por conhecer o funcionamento e a estrutura das atividades militares, Jose Maria organizou um grupo de seguidores como uma tropa, denominados *quadros-santos*, onde os comandantes “ficavam encarregados de organizar as rezas e também as chamadas *formas*: filas de sertanejos que se dedicavam a uma espécie de treinamento militar e que entoavam canções e davam vivas a São Sebastião, a João Maria e a Jose Maria (TOTA, 1983, p.36)”.

Machado (2004, p.177) em seu livro sobre o movimento diz que num certo dia de julho de 1912, José Maria foi convidado por um grupo de pessoas de Curitiba, para que o monge fosse “abrilhantar” um festejo em Taquaruçu. Há que se saber que este grupo eram correligionários do coronel Henriquinho de Almeida, conhecido como “pai dos pobres” (TOTA, 1983, p.39). José Maria foi ao festejo junto com seus devotos, e após as comemorações, foi ficando no local acampado, com seus fiéis, fazendo rezas e curas, atraindo mais adeptos. Curitiba, comarca a qual Taquaruçu pertencia, era administrada pelo coronel Francisco de Albuquerque, rival de Henriquinho de Almeida.

Os coronéis, ou se tornaram incapazes de manter posições tradicionais de ascendência moral em relação a essa gente espoliada, ou se associavam abertamente às forças espoliadoras econômicas e políticas que estavam emergindo (MONTEIRO<sup>1</sup> apud TOTA, 1983, p.35).

A presença do monge e seus devotos, a maioria afetada pelos desmandos do coronel Albuquerque, começou a incomodar o superintendente de Curitiba que intimou o monge a depor naquele município. Algumas pessoas favoráveis ao coronel de Curitiba afirmavam que os devotos de Jose Maria haviam instaurado uma monarquia em Taquaruçu (TOTA, 1983, p.40). Estas notícias chegaram aos ouvidos de Hermes da Fonseca, presidente do país. Temendo repressão, o monge e seus devotos migraram para além do rio do Peixe, rumo ao Estado do Paraná, na cidade de Irani (hoje Santa Catarina), local cujo monge afirmava ter conhecidos e amigos e onde reagruparam-se.

Sabendo da presença do monge e seus *quadros-santos* muitos devotos da região passaram a procurar por rezas e curas. Temendo desordens, uma força do Regimento de Segurança do Estado do Paraná, comandadas pelo coronel João Gualberto Gomes Sá Filho, chegando a localidade de Irani, em 20 de outubro de 1912. Os “objetivos do coronel Gualberto eram violentos” conforme afirma Tota (1983, p.41), uma vez que o oficial paranaense enviou um ultimato ao monge, sem margem para dialogo. José Maria queria

garantias que sua retirada e a de seus fiéis seriam segura, mas o coronel não quis se posicionar. Na madrugada do dia 22, coronel Gualberto e suas tropas atacaram o acampamento do monge.

A luta prosseguiu por um bom tempo, a maior parte dos soldados procurava fugir de um inimigo que conhecia perfeitamente o terreno em que lutava. No combate, uma bala atingiu mortalmente o monge José Maria. O coronel Gualberto, que havia perdido seu cavalo, viu-se cercado de um pequeno grupo de sertanejos “fanatizados” e foi morto a golpes de facão sob o comando de um sertanejo [...] (TOTA, 1983, p.43).

A morte do monge fez com que aumentasse a crença no “sebastianismo”, onde ele iria ressuscitar liderando um exercito de São Sebastião. Alem, seu antecessor, o monge João Maria, havia “previsto” anos antes, nas cercanias de Irani, que uma Guerra Santa iria começar. Os seguidores de José Maria, após sua morte, debandaram na ocasião do combate e se reagruparam em Perdizes Grandes. Dali, organizaram-se, liderados por Chico ventura, Manuel Alvez de Assumpção e Euzébio Ferreira, os mais velhos adeptos dos *quadros-santos*, rumam para Taquaruçu, pois afirmavam que ali, “nada faltará” (TOTA, 1983, p.46), onde chegaram em fins de 1913.

Taquaruçu passou a ser um reduto de rezas e peregrinações ao acampamento dos *quadros-santos*. Neste local, as *formas* entoavam cânticos, com um rigor militar, tanto que o cabelo dos fiéis deveria ser curto, daí a denominação de *pelados* dos seguidores, que uma vez no movimento, não podiam mais sair. Em contraponto, os que não pertenciam ao grupo eram chamados de *peludos*. Esta movimentação de fiéis passou a incomodar novamente o coronel Francisco de Albuquerque, que após confirmado o não-alinhamento com a igreja, com as ameaças de morte ao frei da região pelos *quadros-santos*, o coronel solicitou ao governador de Santa Catarina a presença de tropas federais para debelar os “fanáticos”.

As forças do Exército, junto com um grupo de policiais atacaram o reduto em 29 de dezembro de 1913. O resultado do ataque foi a debandada das forças federais e catarinenses e a captura de suas armas, entre elas uma metralhadora, pelos revoltosos. Após o fiasco da ação, os *quadros-santos* reagruparam-se em Caraguatá. Mas em 8 de fevereiro de 1914, um grupo de civis e algumas frações da policia catarinense atacaram com canhões e metralhadoras o acampamento onde os rebeldes ficavam, onde ainda haviam alguns fiéis, debandando o restante das pessoas ali acampadas (MCCANN, 2007, p.177).

Da mesma forma, quando as forças federais começaram a chegar próximo ao reduto de Caraguatá, em meados de março de 1914, os combatentes dos *quadros-santos* atacaram a retaguarda da coluna do Exército, fustigando aquela tropa. Com poucas armas, os quadros-

santos dispuseram a fazer emboscadas em meio a mata, rechaçando as tentativas de ataque das tropas do Exército.

Com a chegada do General Fernando Setembrino de Carvalho no comando das operações, a situação de inferioridade do Exército em relação aos *quadros-santos* foi alterada. Junto com o general, deslocaram-se para a região um contingente militar com médicos, engenheiros, além de aeronaves. Empregando princípios de Clausewitz, teórico de guerra, Setembrino aos poucos foi suprimindo as ações dos revoltosos, com choques e combates esporádicos. O Conflito do Contestado foi encerrado em fins de 1915.

### **A aviação militar nas ações**

Em 16 de setembro de 1914, quatro dias após assumir o comando das forças federais na região do Movimento do Contestado, o General Setembrino de Carvalho, conhecido por ter solucionado as revoltas no Ceará e no Rio Grande do Sul, solicita que aviões reforcem suas tropas (BRASIL, 1988, v1, p. 421). Para a missão, foram destacados o Tenente Ricardo Kirk juntamente com seu amigo Ernesto Darioli.

Ricardo Kirk foi o primeiro oficial do Exército Brasileiro a se qualificar e obter licença de vôo em aviões, em 22 de outubro de 1912 na França (LAVANÈRE-WANDERLEY, 1975, p.37). Ernesto Darioli era um piloto italiano que veio ao Brasil em 1911 e fez alguns vôos demonstrativos e depois passou a dar instrução de pilotagem particular. Num destes vôos, João Kirk teve suas primeiras aulas de aeronáutica. Devido a sua qualificação, Kirk havia sido destacado como diretor técnico do AeroClub do Brasil (BRASIL, 1988, v1, P. 383).

O Tenente Kirk e Darioli foram enviados para atuarem como observadores aéreos e na localização de agrupamentos rebeldes, além de bombardeiros, pois levavam a bordo granadas de obus 105mm adaptadas a missão (BRASIL, 1988, v1, p. 423). Ainda em 1914, por meados de setembro, Kirk e Darioli partem do Rio de Janeiro em um trem, junto com cinco aeronaves, quatro Morane-Saulnier e um Blériot-Sit além de itens de manutenção requisitados pelo governo do AeroClub do Brasil (BRASIL, 1988, v1, p. 423). Para a missão era necessárias estruturas em solo e Ricardo Kirk selecionou as localidades de Rio Negro, Canoinhas e União da Vitória (hoje Porto União) (LAVANÈRE-WANDERLEY, 1975, p.39). Os hangares e a área de pouso em Porto União foram construídos pelo “coronel” Araujo de Marcondes, um chefe político do vale do Iguaçu (BRASIL, 1988, v1, 423).

Há que levar em consideração que as aeronaves nesta época e até fins da Primeira Guerra Mundial, eram peças artesanais, pois eram feitas grande parte em madeira revestida por tecidos, sendo muito frágeis. Durante o deslocamento, por trem, do Rio de Janeiro até a região de Porto União (Santa Catarina), fagulhas provenientes da locomotiva do trem, fizeram com que o Blériot-Sit e um Morane-Saulnier se incendiassem, ocasionando a perda total destas peças (BRASIL, 1988, v1, p. 423). As três aeronaves Morane-Saulnier dispostas para a operação, após montadas eram as seguintes: *General Setembrino* (biplace – dois lugares- e com um motor de 90Hp, com suporte para bombas sob as asas), *Iguaçu* (monoplace – um acento - e motor de 80Hp) e o *Guarany* (monoplace de 50Hp) (BRASIL, 1988, v1, p. 425).

Operando a partir de Porto União, em 4 de janeiro de 1915 é realizado o primeiro vôo de reconhecimento da região. As operações eram difíceis de serem executadas, pois as aeronaves eram frágeis e possuíam pouca autonomia de vôo. O ambiente também não era muito favorável, com a presença de serras escarpadas altas, freqüentemente cortadas por ventos fortes e um terreno difícil de ser explorado. McCann (2007, p.196), em sua obra sobre o Exército Brasileiro diz que os pilotos sobrevoavam a região em vôos de reconhecimento, uma vez que o Exército desconhecia a posição do reduto dos quadros-santos. Por mais que não tivessem confirmado a posição com fumaça nem outros sinais de movimentação, somente uma bandeira branca entre pinheiros, em uma elevação próxima ao vale do rio Santa Maria, Kirk e Darioli estimaram que a posição do reduto. Num destes vôos de reconhecimento, veio o primeiro acidente em operação.

A operação decisiva foi marcada para 1º de março [de 1915], dia escolhido pelo General Setembrino por coincidir com o 45º aniversário da vitória brasileira sobre Solano Lopez, em Cerro Corá, na Guerra do Paraguai. Em 25 de fevereiro, porém, Ricardo Kirk acidentou-se seriamente com o [avião] *General Setembrino*, capotando, ao ter que fazer uma aterragem forçada, por quebra da hélice em vôo, deixando o *Morane-Saulnier*, totalmente destruído (BRASIL, 1988, v1, p. 425).

Devido a perda da única aeronave com capacidade de ataque, foi necessário a adaptação das outras duas aeronaves. Os dois pilotos, junto com o mecânico Zanchetti Francesco adaptaram um mecanismo de lançamento de bombas nos dois aparelhos restantes para assim poderem cumprir a missão planejada pelo General Setembrino.

Com os quadros santos agrupados nos arredores de Santa Maria (Santa Catarina) impondo resistência as forças do governo, as aeronaves iriam atacar as posições rebeldes e auxiliar na localização e orientação de tiros da artilharia. Para facilitar as operações, foram construídos dois campos de pouso auxiliares, um próximo a estação ferroviária de Rio

Caçador-SC e outro na “Fazenda Claudiano” (LAVANÈRE-WANDERLEY, 1975, p.40). A navegação aérea pela região era difícil, pois havia poucas referencias a serem identificadas, cujas principais eram os rios e a estrada de ferro. Chegou-se a dispor lençóis brancos na copa de pinheiros para facilitar a navegação.

Na data planejada pelo General Setembrino, 1 de março de 1915, para a grande ofensiva sobre os redutos dos revoltosos. Darioli pilotando a aeronave *Guarany*, decolou de Porto União e rumou para o reduto no vale do rio Santa Maria. Dez minutos depois, Kirk partiu da base para a área de ataque. Como a aeronave de Darioli possuía menor potencia do que a de Kirk, era necessário este intervalo em relação as decolagens, além de um percurso maior, para poderem se encontrar sobre a área de ataque. Na área de encontro, Darioli esperava a outra aeronave, mas Kirk não apareceu. Sua aeronave caiu em General Carneiro (Paraná), o mal tempo e talvez pelo choque com um pinheiro, aonde veio a falecer (BRASIL, 1988, v1, p. 427).

Nesta fatídica missão, a última incursão aérea das operações militares desenvolvida naquela guerra, as aeronaves iriam prestar apoio aéreo para o ataque desferido pelo Exército. Depois da comunicação sobre o acidente ao comando das operações, Darioli teve seus serviços dispensados pelo governo (McCann, 2007, p.200). Esta experiência do emprego militar de aeronaves em apoio as operações terrestres do Exército Brasileiro é evidenciada por Calaza (2009, p.439):

O emprego da aviação na Guerra do Contestado se mostrou uma iniciativa equivocada e por fim fracassada, tendo em vista que nenhum resultado operacional positivo foi alcançado. Consumiu ainda vultosos recursos e o saldo material da perda de quatro das cinco aeronaves mobilizadas. Contudo, a maior e irreparável perda foi a humana, a morte do único oficial brevetado do Exército Brasileiro. A iniciativa aérea para o conflito messiânico foi consequência, ou mesmo um reflexo, de uma conturbada política de incorporação tecnológica da aviação no Exército Brasileiro, inserida no contexto de reorganização da força terrestre iniciada pelo marechal Hermes da Fonseca. A revolta do Sul agravada e provocando um grande desgaste político ao governo, se tornou um oportuno palco para a validação do processo de modernização do Exército.

### **Considerações Finais**

A campanha do Contestado foi um empreendimento, para o Exército, que ainda aspirava os ares da vitória da Guerra do Paraguai e Canudos. Mas o desconhecimento por parte do Exército e das forças de segurança do terreno, favoreceu muito a ação dos sertanejos engajados no combate. O impacto dos resultados iniciais e dos métodos de planejamento das ações das forças militares fez com que a partir de 1919 fosse contratada uma Missão Militar a

fim de reorganizar a estrutura do Exército para o emprego na guerra moderna de fins da década de 1920.

As disputas entre coronéis na região e a derrocada do sistema ao qual eles eram vinculados além de não conseguirem conter o movimento ainda no início, fez com que fossem intensificados os atritos que mantinham o movimento ativo.

Por mais que os resultados operacionais do uso do avião tenham sido ínfimos, a presença deles no cenário é um marco, uma vez que na Europa, passou a ser uma arma. A nível regional, influenciados pelos vôos de Kirk, a Força Militar Paranaense inicia em 1917 uma campanha para organizar sua aviação e sua escola, que dura até 1918. Para isso, enviou 2 sargentos para formação na Escola de Aviação Naval e buscou uma aeronave, vindo a adquirir um Borel. Mas em 1919, a escola é fechada, sem ter formado nenhum piloto.

Assim, é preciso dedicar mais esforços para a compreensão do que foi o movimento do Contestado e suas implicações tanto a nível local quanto nacional, uma vez que o conflito ocorreu em uma grande área do país. Além, envolvia muitas questões das relações entre Brasil e Estados Unidos, num período em que os norte-americanos ascendiam ao poder mundial.

### Referencias bibliográficas

BRASIL. Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica. **Historia Geral da Aeronáutica Brasileira – dos primórdios até 1920**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia/Incaer, 1988. col. Historia Geral da Aeronáutica Brasileira – vol.1

CALAZA, Claudio Passos. **O emprego da aviação militar na Guerra do Contestado**. Trabalho apresentado no II Seminário de Estudos: Poder Aeroespacial e Assuntos Estratégicos da UNIFA, 2009.

ESPIG, Márcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro (Coord.). **A Guerra Santa revisitada: novos estudos sobre o movimento do Contestado**. Florianópolis: Ed. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

GALLO, Ivone Cecília D'Avila. **O Contestado e o seu lugar no tempo**. Revista Tempo, Rio de Janeiro, nº 11, julho de 2001.

LAVANÈRE-WANDERLEY, Nelson Freire. **História da Força Aérea Brasileira**. Rio de Janeiro: Gráfica Brasileira, 1975.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. São Paulo: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 2004.

MANOEL, Ivan Ap. **História, Religião e Religiosidade**. Revista Brasileira de História das Religiões - Ano I, nº 1, maio de 2008 - Dossiê Identidades Religiosas e História.

MCCANN, Frank D. **Soldados da Pátria: Historia do Exército Brasileiro 1889-1937**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2007.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Alfa Omega, 1977.

TEIXEIRA, Francisco M. P. **Historia concisa do Brasil**. São Paulo: Global, 2000.

TOTA, Antonio Pedro. **Contestado: a guerra do novo mundo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

### Notas

---

<sup>1</sup> MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Os errantes do novo século – um estudo sobre o surto milenarista do Contestado**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.